

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## **DON GIOVANNI DE JOSÉ SARAMAGO: DE DISSOLUTO PUNIDO A ABSOLVIDO**

Adriano Guedes Carneiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta publicação procurará estabelecer a comparação entre a peça de José Saramago, intitulada Don Giovanni ou o dissoluto absolvido, escrita para a ópera de Azio Corghi, “Don Giovanni il dissoluto assolto”, e o libreto de Lorenzo da Ponte, intitulado Don Giovanni, escrito para a também ópera de Wolfgang Amadeus Mozart, “Il dissoluto punito ossia il Don Giovanni”, cuja estreia aconteceu em 1787, no Teatro di Praga. Portanto, a relação da literatura com o teatro, a ópera e a música. Vários autores, desde o século XVI, pelo menos, debruçaram-se sobre o “mito” de Don Giovanni, que encarna o símbolo da devassidão, do excesso, da volúpia e da total entrega à ambição e a um objetivo vazio de sentido. A principal contribuição de Saramago talvez tenha sido a de garantir a sua absolvição, desafiando os elementos trágicos e barrocos, presentes no libreto de Lorenzo da Ponte, em que a referida personagem – por sua conduta desregrada e o assassinio do Comendador – só restava a condenação ao inferno. No texto de Saramago, a absolvição do devasso Don Giovanni aparentemente se dá pelo desaparecimento das provas de seus crimes: do caderno com o registro de suas vítimas seduzidas. No entanto, também é através da simplicidade da camponesa Zerlinda que o nobre Don Giovanni é finalmente derrotado. Contudo, ainda persiste a questão: no mundo atual há absolvição para o misógino e machista Don Giovanni? Para tanto se utilizou do pensamento de Walter Benjamin, Michael Foucault, John Gessner, Carlos Reis e Giorgio Agamben.

**Palavras-chave:** Don Giovanni. Lorenzo da Ponte. Azio Corghi. Mozart. Dispositivo. José Saramago.

**Abstract:** This publication will seek to establish a comparison between the play by José Saramago, entitled Don Giovanni ou o dissoluto absolvido, written for the opera by Azio Corghi, “Don Giovanni il dissoluto assolto”, and the libretto by Lorenzo da Ponte, entitled Don Giovanni, written for the opera by Wolfgang Amadeus Mozart, “Il dissoluto punito ossia il Don Giovanni”, whose premiere took place in 1787, at the Teatro di Praga. Therefore, the relationship between literature and theater, opera and music. Several authors, since the 16th century at least, have focused on the “myth” of Don Giovanni, who embodies the symbol of debauchery, excess, voluptuousness and total surrender to ambition and a meaningless objective. Saramago's main contribution may have been to guarantee his acquittal, defying the tragic and baroque elements present in Lorenzo da Ponte's libretto, in which the aforementioned character – due to his disorderly conduct and the murder of the Commander – was left with nothing but condemnation. to hell. In Saramago's text, the acquittal of the dissolute Don Giovanni apparently occurs due to the disappearance of evidence of his crimes: the notebook with the record of his seduced victims. However, it is also through the simplicity of the peasant girl Zerlinda that the noble Don Giovanni is finally defeated. However, the question still remains: in today's world is there absolution for the misogynist and sexist Don Giovanni? To this end, the thinking of Walter Benjamin, Michael Foucault, John Gessner, Carlos Reis and Giorgio Agamben was used.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura Comparada do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFF. E-mail: [adriano\\_guedes@id.uff.br](mailto:adriano_guedes@id.uff.br).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

**Keywords:** Don Giovanni. Lorenzo da Ponte. Azio Corghi. Mozart. Device. José Saramago.

## 1 Introdução

Este artigo tem por objetivo procurar estabelecer a comparação entre a peça de José Saramago, intitulada **Don Giovanni ou o dissoluto absolvido** (2005), que foi escrita para a ópera de Azio Corghi: “Don Giovanni il dissoluto assolto”, (ópera em um ato, cuja estreia se deu em 15 de março de 2005, no Teatro São Carlos, em Lisboa, em coprodução com o Teatro Alla Scala, de Milão e depois de estreiar na capital portuguesa, no mesmo mês, foi apresentada na cidade italiana) e o libreto de Lorenzo da Ponte, **Don Giovanni**, escrito para a também ópera de Wolfgang Amadeus Mozart, “Il dissoluto punito ossia il Don Giovanni” (ópera em dois atos, que teve a primeira apresentação no Teatro di Praga, atualmente chamado de Teatro dos Nobres, em 25 de outubro de 1787).

Saramago escreveu sobre sua visita ao Teatro di Praga, em data anterior a 1987:

E eis que a prestante pessoa que me servia de guia diz em certa altura: “Agora vou levá-lo ao teatro onde se estreou o Don Giovanni de Mozart”. Não exagero nada se digo que o coração me deu um salto dentro do peito. Se há uma ópera no mundo capaz de pôr-me de joelhos, rendido, submetido, é esta. Tinha-me esquecido, ou não lhe dera suficiente atenção se alguma vez o li, que Don Giovanni havia visto a luz da ribalta em Praga. E ali estava o edifício, o Ständetheater, com as suas colunas coríntias ornamentando uma fachada que nem assim alcançara a monumentalidade que o arquitecto devia ter tido em mente. Por aquela porta, num dia do ano da graça de 1787, entrou Wolfgang Amadeus Mozart com a partitura do seu “Don Giovanni ossia Il dissoluto punito” debaixo do braço para fazer ouvir à gente de Praga a música de cena mais sublime que alguma vez havia sido composta. E ali estava eu, com o pulso agitado e as mãos trêmulas, rodeado de século XX por todos os lados, menos por aquele, desejando uma máquina de viajar no tempo para desandar num instante os quase duzentos anos que me separavam daquele momento, e sabendo, que remédio senão sabê-lo, que nem o tempo nem os rios podem voltar para trás. Dava-se uma outra ópera de Mozart (não recordo qual), mas não havia na bilheteira nem uma só entrada para os dias seguintes. Quando os houvesse já eu não estaria em Praga, e a mim nada mais poderia interessar-me que Don Giovanni (SARAMAGO, 2005, p. 7-8).

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

## 2 Fundamentação Teórica

Don Giovanni ou o Don Juan encarna o mito da devassidão, mas também o excesso, a volúpia e a total entrega à ambição e a um objetivo vazio de sentido. Talvez uma das principais contribuições de Saramago para o “mito” de Don Giovanni tenha sido a de garantir a absolvição do vilão ao final, desafiando os elementos trágicos e barrocos presentes no libreto de Lorenzo da Ponte, em que a referida personagem é condenada às chamas do Inferno. Em Saramago é possível afirmar que há a busca de uma humanização (ou a recuperação de uma subjetividade) de e por Don Giovanni. Além desta questão pretendo rapidamente abordar o tema do dispositivo, segundo Agamben, e da metaficção que entendo estarem presentes em “O dissoluto absolvido”.

Tanto a peça saramaguiana, quanto a de Lorenzo da Ponte são libretos para a ópera. O libreto, - termo que tem origem no italiano libretto e significa livro pequeno – é o texto estruturado, o esqueleto, no qual será adicionada a composição musical. É a peça dramática a partir da qual são compostas óperas, oratórios ou cantatas. Então a música genial de Mozart, situada entre o Barroco e o Neoclassicismo musical europeu, foi composta a partir do ou para o libreto de Lorenzo da Ponte.

Recentemente, em julho deste ano de 2022, o Theatro Municipal do Rio de Janeiro realizou a montagem da ópera do compositor austríaco com o libreto de Lorenzo da Ponte. A direção musical e regência foi responsabilidade do Maestro Tobias Volkman e a direção cênica e concepção de André Heler-Lopes. Registro estas informações, pois a ideia para essa comunicação surgiu quando tomei conhecimento de uma conferência proferida pelo Professor Nabil Araújo, da UERJ, por ocasião da montagem. Conferência intitulada “As fontes literárias e o libreto de Don Giovanni”, em 20 de julho do presente ano. Junto com o professor Moacir Chaves da UNIRIO. Assisti ao espetáculo, mas não pude assistir à conferência. A ideia de se pensar o libreto da ópera sob o prisma literário atraiu-me muito e a seguir me deparei com a versão de Saramago.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Azio Corghi é um importante compositor italiano, ganhador de diversos prêmios e integrante da Ordem do Mérito da República Italiana e já havia investido na relação com Saramago desde pelo menos 1989, quando levou aos palcos a ópera lírica em três atos: “Bismunda”, com texto do grande autor português, baseada no Memorial do Convento (1982). Além desta produção surgiram como música sinfônica: “La morte di Lazzaro” (1995), “Cruci Verba” (2001) baseada no Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991), “De paz e da guerra” (2002), além do drama musical em três atos “Divara” (Wasser und blut) de 1993, baseado na peça de Saramago “In nomine Dei”. Sem dúvida foi uma parceria muito profícua e produtiva entre os dois artistas. Corghi tem hoje 85 anos.

Já Lorenzo da Ponte, nascido Emanuele Conegliano, na República de Veneza, em 1749. Era judeu de nascimento, mas converteu-se, junto com o pai à Igreja Católica e tornou-se padre da Ordem Menor em 1773. Mesmo assim, viveu em concubinato e teve dois filhos. Por esta razão foi expulso de Veneza e impedido de retornar por quinze anos. Escreveu o libreto de vinte e oito óperas de onze compositores, incluindo as três principais de Mozart em italiano: “As bodas de Fígaro” (1785/86), “Cosi fan tutte” (1789), além do “Don Giovanni”. Como libretista era muito concorrido entre os compositores da corte do Imperador José II, da Áustria, da Casa dos Habsburgos, principalmente entre os compositores italianos da referida corte. Talvez a disputa pelo libretista tenha acirrado os ânimos entre Mozart e Antônio Salieri. Ânimos acirrados como foi ressaltado, ficcionalmente, na peça Amadeus (1979) de Peter Schaffer, que, por sua vez, foi inspirada na ópera “Mozart e Salieri”, de 1830 de Nikolai Rimsky-Korsakov, com libreto de Alexander Pushkin. A peça Amadeus de Schaffer inspirou o filme homônimo com Tom Hulce e F. Murray Abraham, em 1984, dirigido por Milos Forman. Esse filme foi o grande vencedor do Oscar, em 1985, recebendo nove estatuetas, entre elas a de melhor filme, diretor e ator para Abraham que interpretava o invejoso Salieri.

Vários autores se debruçaram sobre a estória de Don Giovanni/Don Juan, desde El burlador de Sevilla o el convidado de piedra (1630), texto atribuído a Tirso de Molina. Sobre esta obra, escreve John Gassner, importante teórico e historiador do Teatro:

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Mais importante (...) foi Tirso de Molina, cujo Burlador de Sevilha trouxe para o palco a figura do descomedido Don Juan. Na realidade, Don Juan foi morto pelos frades de um mosteiro franciscano, os quais alegaram que, tendo ele insultado a estátua do homem a quem assassinara, foi arrastado para o mundo subterrâneo por meios sobrenaturais. Os fantasiosos atavios com que Tirso enfeitou essa estória deram margem a toda uma literatura que compreende a comédia de Molière sobre o mesmo tema, Don Juan, o poema de Byron, a brilhante peça de Rostand, Última noite de Don Juan e inclusive a grande ópera de Mozart (GASSNER, 2014, p. 210).

O objetivo de vida de Don Giovanni é simplesmente conquistar compulsivamente o maior número de mulheres possíveis.

Saramago escreve no prólogo à edição da peça teatral Don Giovanni que se questionou sobre o que ainda poderia trazer de novo ao “mito”, mas devido à insistência de Corghi acabou por se render a dar sua contribuição e por lhe ocorrer uma ideia que ele considerava original:

(...) destinada a servir de fundamento dramático ao libreto de uma ópera de Azio Corghi a que pusemos, ele e eu, o título de Don Giovanni ou O dissoluto absolvido. Porquê absolvido, no fim se conhecerá. Fica por decidir se o autor do texto também virá a beneficiar de uma absolvição, ele que se atreveu a criar o seu próprio Don Giovanni, depois de Tirso de Molina, Cicognini, Giliberto, Dorimon, Villiers, Molière, Rosimond, Shadwell, Zamora, Goldoni, Lorenzo da Ponte, Byron, Espronceda, Hoffmann, Zorrilla, Pushkine, Dumas, Mérimée, e não sei quantos mais (...) Comecei por argumentar que sobre as malas-artes de Don Giovanni tudo havia sido dito, que não valia repetir o que outros já tinham feito melhor, que qualquer coisa que escrevesse seria o mesmo que chover no molhado, etc... (...) Passou o tempo, meses, Azio perguntando, e finalmente a ideia surgiu. Suspeito agora de que não será tão boa quanto ao princípio me tinha parecido, mas o resultado aí está. O pano já pode subir (SARAMAGO, 2005, p. 8).

No texto de Saramago, o espaço é reduzido ao interior da casa de Don Giovanni. A cena já vai quase direto praticamente ao momento da chegada do “Convidado de pedra”, o Comendador que veio para jantar. Porém, diferente de outras versões, o Comendador, por mais que amaldiçoe Don Giovanni, não consegue condená-lo ao Inferno. A maldição não faz efeito algum. Reproduzo a cena de Saramago:

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Comendador

Assim o quiseste, assim o terás. Que as portas da morada do Demônio se abram então para ti, que te abrasem as chamas do castigo eterno, que sofras mil anos de torturas por cada uma das vítimas da tua concupiscência. Vai, maldito, o inferno espera-te, tu já não és deste mundo. Vai!

Don Giovanni  
Estás louco varrido.

Comendador  
Vai!  
(Uma chama alta brota do chão para imediatamente se apagar.) (...)

Don Giovanni  
Acabou-se o gás. (Don Giovanni ri às gargalhadas enquanto o Comendador, lentamente, como se todo o corpo lhe doesse, se vai tornando rígido, imóvel.) (SARAMAGO, 2005, p. 26).

O Comendador tenta por três vezes condená-lo e arrastá-lo ao inferno, mas as maldições e imprecações não alcançam êxito até que o fantasma vira pedra e não pode mais se mover.

Saramago introduz a ideia da metaficção ao seu texto. A partir da leitura do Dicionário de Estudos narrativos (2018), de Carlos Reis, é possível compreender que

O termo metaficção designa as representações narrativas (romances, contos, etc.) em que, de forma pontual ou alargada e no decurso do relato, se reflete acerca da produção e/ou da condição ficcional dos elementos que integram a história; trata-se, então, de uma problematização autorreflexiva levada a cabo por entidades já de si ficcionais, como o narrador ou as personagens (REIS, 2018, p. 255).

Ao impedir o Comendador de realizar o seu “poder” de enviar Don Giovanni para o inferno, Saramago está problematizando a questão, inserindo a discussão sobre o fim do mundo medieval, dividido entre o céu e o inferno. Esta reflexão ocorre no cérebro do espectador que conhece a estória e sabe que, na versão mais antiga, Don Giovanni foi condenado e passa a indagar sobre as razões que levaram o autor a uma solução diferente.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Dona Ana e Dona Elvira, no texto de Saramago, resolvem roubar o caderno de Don Giovanni, em que ele anotava o nome, o local e a quantidade de mulheres seduzidas por ele, já totalizando das duas mil e sessenta e cinco, e substitui-lo por outro totalmente em branco. Há, portanto, uma espécie de apagamento do passado de Don Giovanni. Dona Ana e Dona Elvira, no texto de Saramago, deixam de ser as vítimas e passam a agir, assumindo o controle de suas vidas. Deixam de ser secundárias para se tornarem protagonistas. Saramago insere a condição do empoderamento feminino.

Sem o caderno Don Giovanni não tem como provar os seus feitos, as seduções. É como se ele fosse apenas Don Giovanni com o caderno. Sem este, ele não é mais o grande conquistador e sedutor. É como se a sua subjetividade dependesse da existência do caderno, como se estivesse capturada por este último, num processo de dessubjetivação a princípio (pois o caderno captura a sua individualidade, qualquer que ela seja, como Giovanni), para a seguir emitir subjetividade (através da personagem Don Giovanni, o dissoluto). Podemos pensar então neste objeto como um dispositivo na concepção de Agamben.

A ideia de dispositivo foi retirada de Foucault para quem este é o aparato, o “conjunto de práticas e mecanismos, (ao mesmo tempo: linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que têm o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato” (AGAMBEN, 2009, p. 34-35). Todavia para Giorgio Agamben o sentido do termo é mais abrangente:

(...) chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem (...) (AGAMBEN, 2009, p. 40-41).

Sem o caderno não há como provar as conquistas.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

O ex-Don Giovanni fica, então, desolado e perde o sentido de sua vida.

Será a camponesa Zerlina quem o livrará da depressão, apresentando-lhe o amor, ao invés da conquista, da sedução. Sem o caderno, ele poder ser apenas Giovanni. Pode retirar a máscara do vilão e se individualizar e talvez pela primeira vez viver. É isso o que se constata no diálogo final entre o par romântico:

Don Giovanni

Já viste esse homem, agora podes ir-te. Don Giovanni está tão morto como Don Octávio.

Zerlina

Não irei.

Don Giovanni

Que queres que faça contigo?

Zerlina

É tempo de que eu te conheça e me conheça a mim.

Don Giovanni

E Masetto?

Zerlina

Não amo Masetto, amo-te a ti.

Don Giovanni

Tremem-me as mãos. Este não é Don Giovanni.

Zerlina

Este é Giovanni, simplesmente. Vem.

Saem abraçados (SARAMAGO, 2005, p. 63).

Saramago enxerga o homem por debaixo do mito e quem é responsável por “salvar” Don Giovanni é Zerlina, a camponesa, a qual representa a classe trabalhadora que será responsável pela transformação social. Essa transformação talvez passe pelo acolhimento de todos, pelo dar-se as mãos, pelo não soltar as mãos de ninguém. E que forma de manifestar esse novo tempo, se não através do amor, da fraternidade, do carinho, do afeto positivo. Walter

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

Benjamin, no seu ensaio “Zur kritik der gewalt”, traduzido por “Sobre a crítica do poder como violência”, após discorrer sobre a violência em si e suas formas de manifestação, indaga se é possível a solução de conflitos por meios não violentos e conclui que sim, pois “O entendimento sem violência encontra-se por toda a parte onde a cultura do coração ofereceu às pessoas meios puros para se entenderem (...) Os seus pressupostos (...) são a delicadeza, a simpatia, o amor da paz, a confiança e outras qualidades (...) (BENJAMIN, 2018, p. 71).

### 3 Considerações Finais

E ainda nos resta a pergunta se é possível absolvição para Don Giovanni no mundo atual. É fato que ele trata as mulheres como coisas, reificando-as. Elas representam apenas uma nota em um caderno sanfonado, carregado por seu servo. Essa conduta misógina e machista, sem dúvida, é algo que necessita – e é – fortemente combatido no mundo atual, pois necessitamos agir com alteridade, reconhecendo o lugar do outro no meio social. Para ser absolvido, Don Giovanni teria que mudar, reconhecer seu comportamento destrutivo com relação às mulheres. E não estou comentando o crime de homicídio que ele comete contra o Comendador. Na versão de Saramago, pudemos acompanhar como essa absolvição é garantida, como o genial autor retira Don Giovanni da condição de um tipo dramático que devia encarnar apenas o mal, individualizando-o e dando-lhe características humanas.

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução por Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Organização e tradução por João Barrento. 2ª edição. 2ª reimpressão. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018.
- GASSNER, John. **Mestres do teatro I.** Tradução por Alberto Guzik e J. Guinsburg. 4ª edição. São Paulo, Editora Perspectiva, 2014.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo.** Tradução por Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

# ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



**07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022**

PONTE, Lorenzo da. **Don Giovanni**. Italiana. Testi della tradizione per il XXI Secolo. Literatura Teatrale. Milano, Simplicimus Book Farm, 2009.

REIS, Carlos. **Dicionário de estudos narrativos**. Coimbra, Edições Almedina, 2018.

SARAMAGO, José. **Don Giovanni ou o dissoluto absolvido**. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.